



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17385 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE: A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Kleyton Ribeiro Lima - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE: A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

1 INTRODUÇÃO

Considerado o transtorno mais comum entre crianças e adolescentes em idade escolar, o TDAH atinge um expressivo número de pessoas no mundo. De acordo com o Ministério da Saúde, entre 5% e 8% da população mundial tem o diagnóstico do transtorno, sendo que 70% dos casos apresentam comorbidades (Brasil, 2022). Nessas circunstâncias, eclodem na mente do professor inquietantes questionamentos: como podemos diagnosticar o TDAH no contexto da sala de aula? Quais alternativas de mediação pedagógica devem ser implementadas?

Em busca de resposta à questão supracitada, a pesquisa tem como objetivos caracterizar/diagnosticar o TDAH no contexto da sala de aula; discutir a importância pedagógica da mediação ao TDAH e sinalizar possibilidades que favoreçam uma mediação pedagógica clara e consistente. Nessa perspectiva, o presente estudo tem como metodologia uma abordagem qualitativa, onde revisamos e analisamos diferentes concepções acerca do tema em evidência, tendo como palavras-chave: Mediação pedagógica. Sala de aula. TDAH.

Com base nas seguintes subdivisões: Principais características do TDAH; Aspectos históricos do TDAH; A mediação pedagógica de alunos com TDAH;

Resultado e discussões e Conclusão, dialogamos nessa seção, possíveis resultados da investigação desenvolvida: o TDAH é um sério transtorno do neurodesenvolvimento, portanto deve ser cuidadosamente acompanhado pela escola.

A mediação pedagógica é uma prática fundamental à efetivação de uma educação democrática, libertadora e sobretudo, inclusiva, pois oportuniza a todos (típicos e atípicos) condições adequadas de participarem da construção de um conhecimento integrado e emancipador.

2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO TDAH

Como o próprio termo sugere, o TDAH refere-se a um transtorno que em linhas gerais, caracteriza-se por um quadro de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Apesar de parecerem conceitualmente semelhantes, desatenção, hiperatividade e impulsividade apresentam significados distintos. De acordo com Battistola (2018), a Hiperatividade é definida como o aumento da atividade motora. Via de regra, a pessoa hiperativa demonstrando grande inquietude; correndo, batendo os pés, agitando as mãos, movimentando-se quase constantemente.

A Impulsividade por sua vez, caracteriza-se pela falta e/ou insuficiência de controle dos impulsos, isto é, das respostas automáticas e imediatas a um estímulo. A desatenção é entendida como um elevado nível de distração ou ausência de concentração, capaz de comprometer peremptoriamente a performance individual, tanto na realização de tarefas específicas quanto em situações comuns do cotidiano.

Ademais das características pontuadas associam-se ao TDAH os seguintes sintomas: dificuldade em organizar e planejar atividades, principalmente no que concerne em hierarquizá-las em grau de importância e urgência, oscilações de humor, delays no domínio de funções cognitivas, como leitura e resolução de problemas, medo de não conseguir cumprir todos os compromissos, o que ocasiona em interromper trabalhos ou deixá-los incompletos e ainda, repetitivas situações de esquecimento.

Segundo o Ministério da Saúde, os primeiros sintomáticos do TDAH são geralmente identificados na infância. Todavia, é importante ressaltar que isso não exclui a possibilidade de diagnóstico do transtorno em outras fases da vida. Aliás, muitas pessoas são diagnosticadas com TDAH somente na vida adulta, após experienciarem influência de diferentes fatores, especialmente, do fator genético cuja presença é assaz preponderante (Brasil, 2022).

Corroborando com essa assertiva, o Ministério da Saúde assevera que não é incomum que o pai leve o filho para a consulta e comece a se identificar com os

questionamentos levantados pelo médico. Em torno de 30% das crianças diagnosticadas vão ter um ou ambos os pais com o transtorno (Brasil, 2022).

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DO TDAH

Por tratar-se de uma condição atípica, o TDAH foi historicamente marcado por um percurso desarmônico e extremamente sinuoso. Respalhando essa asserção, Vileri (2024) afirma que ainda hoje não há consenso quanto a sua etiologia, isto é, quanto as causas e origens que definem o seu diagnóstico. Até mesmo a nomenclatura do transtorno foi objeto de muitas discussões e mudanças ao transcorrer do tempo, recebendo diferentes denominações.

No tocante a essa questão, Alves (2017, p.21) cita os termos: “Lesão Cerebral Mínima”, “Síndrome Hiperkinética” e “Disfunção Cerebral Mínima”, como designações usadas ao longo do tempo para referir-se ao TDAH. Essas nomenclaturas estão diretamente relacionadas aos critérios adotados para diagnosticar o transtorno, o termo “Lesão Cerebral Mínima” foi utilizado no período em que associavam o TDAH a uma lesão cerebral, que por ser mínima, não era identificada por exames médicos.

Em conformidade com Alves (2017, p.21), os aspectos neurobiológicos representam, atualmente, apenas um entre muitos fatores causais atinentes ao transtorno. Nesse sentido, o TDAH caracteriza-se por uma combinação de grupos sintomáticos entre os quais evidenciam-se nuances de desatenção, hiperatividade e impulsividade.

Segundo o Projeto de Inclusão Sustentável (PROIS, 2021), as primeiras descrições de crianças com características similares ao TDAH surgiram na literatura infantil alemã em meados do século XIX sendo posteriormente, publicadas no Brasil durante a década de 1950 sob os títulos: “João Felpudo” e “Juca e Chico”. Os livros descreviam crianças muito inquietas, cujo comportamento era superlativamente desafiador às regras propostas pelos pais. Em 1917, um médico chamado Von Economo fez a primeira descrição clínica dessa patologia (PROIS, 2021).

Em consonância com Rezende (2016), descrevemos no quadro a seguir alguns eventos que elucidam mais detalhadamente a historicidade do TDAH.

Quadro 1 – O TDAH ao longo do tempo

Século/Ano	Evento
Século XVIII	Primeira descrição patológica do TDAH.
	Descrições/publicações em livros sobre peculiaridades do TDAH.
	Realização da primeira conferência onde afirmou-se que condições psíquicas estavam relacionadas ao defeito de controle moral das crianças como: impulsividade, imediatismo e dificuldade de sustentar a atenção.

Século XX	Médicos relacionam danos causados no cérebro com problemas de comportamento.
	Publicação de estudos sobre a doença hipercinética da infância, transtorno com acentuada inquietação motora.
1954	A Ritalina aparece como principal medicamento para o tratamento de crianças hiperativas.
1960	São formuladas críticas ao conceito de lesão cerebral mínima, introduzindo o conceito de disfunção cerebral mínima, englobando outros transtornos.
1968	A Descrição do transtorno passou a ser incluída na 2ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, intitulado de reação hipercinética da infância, que foi definida como excesso de atividade, inquietação, distração e falta de atenção.
1970	Oficialização do nome Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), pelo DSM III.
1990	Desenvolvimento de estudos sobre as bases neurológicas do TDAH, entre os quais que o transtorno não é uma condição da infância, mas persiste na maioridade; e que existem três subtipos: predominantemente desatento, predominantemente hiperativo-impulsivo e os dois combinados com os sintomas dos anteriores;
2016	O DSM V utiliza definições, nomes e critérios para o diagnóstico do transtorno, apontando dezoito sintomas diferentes.

Fonte: autor (2024).

Além de suscitar uma análise cronológica em torno do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, o quadro descreve sucinta e objetivamente importantes passos científicos empreendidos em diversas frentes de pesquisa, a fim de elucidar as origens do TDAH, e conseqüentemente promover uma mudança de paradigmas, cujo itinerário passa pela escola. Pois alunos neurodivergentes ainda deparam-se com sérias restrições de acesso à educação em nosso país.

4 A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA DE ALUNOS COM TDAH

Partindo da perspectiva psicológica Histórico-Cultural de cujas raízes emanam a concepção de mediação como uma prática social transformadora, por meio da qual transacionamos dialeticamente de uma representação sincrética do todo (caótica, intuitiva,) à compreensão sintética da realidade (ampla, clara), contatamos que a ação de mediar transcende a ideia de conectar partes, como uma espécie de “ponte conceitual”.

Mediar consiste em desenvolver condições que viabilizem a tecitura do conhecimento metabólico, isto é, o conhecimento transformador. Sob esse prisma, a mediação pedagógica instiga consubstancialmente o processo educativo, oportunizando a formação de uma personalidade plena e proativa. Frente ao exposto, percebemos a imprescindível relevância da mediação ao universo da sala de aula.

Quando trazemos à baila o TDAH e outras especificidades inerentes ao

neurodesenvolvimento, a imprescindibilidade da mediação pedagógica torna-se ainda mais evidente. Pois devido as suas neurodivergências, esses alunos são grosso modo, consciente e/ou intencionalmente, alijados do processo de ensino, tornando-se quase invisíveis em sala de aula.

Apesar de inadmissível, essa situação constitui uma realidade patente em muitas escolas brasileiras. Nessa conjuntura, justifica-se a necessidade de investirmos em práticas claras e consistentes de mediação pedagógicas, a fim de que a sala de aula torne-se efetivamente um cenário de construção de conhecimento, mediante o qual sejam promovidas e asseguradas a todos os discentes, condições adequadas de aprendizagem.

Considerando a diversidade presente em sala de aula, o professor precisa pensar em possibilidades de atuação na sua prática de modo que favoreça a mediação pedagógica em todo o processo de avaliação da aprendizagem, bem como necessita reconhecer as limitações, dificuldades e potencialidades inerentes a cada educando para que a mediação aconteça de forma satisfatória. As ações pedagógicas, nesse contexto devem ser pensadas, respeitando a heterogeneidade da sala de aula. Assim, as estratégias utilizadas precisam atender às especificidades de cada educando (Sousa, 2015, p.103).

Nesse sentido, a mediação valoriza a heterogeneidade da sala de aula, celebra a diversidade e respeita as idiosincrasias estudantis, considerando o ritmo, as experiências e demais peculiaridades dos alunos, bem assim, reconhece os estudantes como sujeitos dotados de capacidade, indivíduos potencialmente aptos a protagonizar o seu próprio processo formativo.

Conforme Coelho, Silva e Lopes (2018), o professor mediador dispõe de superlativa perspicácia pedagógica, tem a habilidade de enxergar/diagnosticar o nível de desenvolvimento e aprendizagem do seu aluno, interage com a turma, ensejando autonomia e liberdade para que as opiniões sejam compartilhadas, o que consequentemente reflete na eficácia do seu ensino.

Imbuída de responsabilidade pedagógica, a mediação em sala de aula proporciona a efetivação de uma educação democrática, equânime e emancipadora... capaz de transacionar o aluno ao patamar de estudante, ou seja, à condição de quem realmente estuda e aprende. Mas diante das assertivas emerge uma incógnita: como deve ser na prática, a mediação pedagógica de alunos com TDAH no contexto da sala de aula?

A priori, precisamos ressaltar apesar de transparecer como óbvio, que a mediação pedagógica deve ser impreterivelmente regada por uma consistente fundamentação teórica aliada a conteúdos atitudinais como; paciência, persistência, flexibilidade, criatividade e principalmente amor pelo ofício de ensinar. Pois alunos com TDAH requerem um acompanhamento diferenciado, é importante frisar que nesse contexto, diferenciado não significa melhor ou pior, mas adequado, ou seja,

apropriado às condições necessárias de aprendizagem.

Essa adequação tangencia uma rotina de atividades especificamente planejada, a implementação de metodologias ativas por meio de situações lúdicas, materiais concretos, brincadeiras e desafios pedagógicos que favoreçam ao educando o pleno desenvolvimento de suas competências e habilidades. Ademais, pontuamos com base em proposições do portal Educamundo (2024) as seguintes práticas mediadoras: Repetição de conteúdos, isso pode sugerir que o aluno repita oralmente um conceito estudado ou que compartilhe uma informação com um colega.

Feedbacks positivos durante as aulas, podem configurar outra pertinente forma de mediação aos estudantes com TDAH, esses feedbacks consistem em incentivos e elogios quando fizerem uma atividade correta ou esboçarem um ponto de vista. É recomendável que o professor evite apontar erros ou criticar taxativamente esses alunos. Em circunstâncias como essas, qualquer estudante inclina-se a desenvolver comportamentos introvertidos e baixa autoestima, precipuamente aqueles diagnosticados com TDAH.

É digno de notar ressaltar que aliadas às práticas de mediação devem estar indispensavelmente lincadas a uma minuciosa metodologia de observação. Nesse sentido, ... Oliveira, Lima e Cavalcante (2016, p.13) afirmam que a observação proporciona a compreensão e interpretação de comportamentos que fornecem importantes subsídios a práticas pedagógicas favoráveis ao ensino de crianças com TDAH.

Conquanto os sintomas causados pelo TDAH e a diversas formas de discriminação e preconceito, atreladas ao transtorno, Maia e Confortin (2015, p. 8) elucidam que educandos com TDAH têm reais condições de se desenvolverem (cognitiva, social, motora, psíquica e afetivamente...), para tanto, o professor deve firmar e fortalecer vínculos de confiança, reciprocidade e parceria em sala de aula, sob a égide de uma relação empática e dialógica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nada obstante aos desafios geralmente enfrentados em uma pesquisa acadêmica; objetividade científica, pertinência temática, consistência bibliográfica, convergência entre teoria e prática... o processo de investigação oportunizado pela pesquisa denotou importantes contribuições, promovendo os seguintes conhecimentos: o TDAH é um sério transtorno do neurodesenvolvimento, o de maior incidência entre crianças e adolescentes em idade escolar.

Não despidiendas ocasiões, alunos com TDAH são alijados do processo de ensino, tornando-se quase invisíveis em sala de aula, malgrado a essa

constatação, a mediação pedagógica apresenta-se como uma alternativa efetivamente factível à transformação dessa realidade. Sob esse olhar, o professor deve mediar pedagogicamente a sua turma, ou seja, firmar e fortalecer elos de confiança, reciprocidade e empatia em sala de aula, tomando como premissa uma relação embasada no diálogo e na parceria.

Embora caracterize uma condição neurotípica, diretamente incidida sobre o desenvolvimento cognitivo, o TDAH não anula a possibilidade de aprendizagem, aliás, Maia e Confortin (2015, p. 8) enfatizam que educandos diagnosticados com o transtorno possuem um tempo próprio de aprendizagem como todos os outros. Assim sendo, torna-se indispensável a intervenção do professor, mediante a mobilização de conhecimentos habilidades e atitudes, a fim de que os estudantes não sintam-se inferiores aos seus pares, mas sejam acolhidos e valorizados.

6 CONCLUSÃO

A despeito de ser genericamente reconhecido como o transtorno de maior incidência entre crianças e adolescentes em idade escolar, o TDAH representa um grande desafio pedagógico, sobretudo em razão de sua natureza multifatorial. Por não haver um diagnóstico circunscrito, via de regra, o TDAH é confundido com outros transtornos ou relegado a uma condição unilateral de desinteresse, indisciplina e displicência.

Faz-se imperiosamente necessário que as unidades educacionais conheçam mais profundamente as nuances sintomáticas relacionadas ao TDAH, e dessa forma, potencializem intervenções pedagógicas no cerne das interações professor/aluno, com vistas ao pleno desenvolvimento estudantil, que segundo a pesquisa, passa fundamentalmente por um claro, consistente e sistemático processo de mediação pedagógica em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES. B. Moura. **ESTUDO DE CASO SOBRE UMA CRIANÇA COM TDAH: tecendo olhares sobre o percurso escolar**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19029/1/2017_BrunaMouraAlves.pdf>. Acesso em 11 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **SAÚDE MENTAL**. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

MAIA, Maria Inete Rocha. CONFORTIN, Helena. **TDAH E APRENDIZAGEM: UM**

